



PINTO, Monilson dos Santos. Nego Fugido, manifestos de memórias incorporadas. São Paulo: Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho (UNESP). Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas; Mestrado. Orientadora; Marianna Francisca Martins Monteiro. Ator/brincante do Nego Fugido.

RESUMO

Nesse ensaio lanço a hipótese de que as lembranças traumáticas da luta, revolta e resistência da população do recôncavo baiano, são os elementos norteadores da manifestação do Nego Fugido que, a partir duma reconstrução do passado, revela o “quadro das tensões” (problemas sociais, culturais e políticos) atuais da comunidade de Acupe-Santo Amaro (Ba).

PALAVRAS-CHAVES: Traumas, Memórias Incorporadas, Cultura Afro-brasileira, Teatro de Rua.

ABSTRACT

In this preliminary study I cast the hypothesis that the recôncavo baiano population's traumatic memories of struggle, rebellion and resistance are the guiding manifestation elements of Nego Fugido that, by reconstructing the past, reveals the portrait of tensions, ie, social, cultural and political problems experienced nowadays by the Acupe-Santo Amaro-(Ba) community.

PALAVRAS-CHEVES: Trauma, Embedded Memoirs, African-Brazilian Culture, Street Theater.

“Que diabo é isso”? Pronunciei essas palavras aos oito anos de idade quando vi o caçador, um dos personagens do Nego Fugido, pela primeira vez. Era um domingo do mês de julho. Logo pela manhã ouvia-se rumores sobre aparições dos caretas nas ruas de Acupe, então, precisava decidir se me trancava no quarto ou enfrentava o medo e saía às ruas para entender o porquê daquele fenômeno em Acupe: apresentação de grupos de Capoeira, Samba de Roda e Burrinhas, toques frenético de atabaques que ecoavam das festa de caboclo em terreiros de Candomblé, homens mascarados correndo tentando chicotear pessoas (Caretas), gemidos e gritos mulheres enroladas em lençóis (Bombacho) anões da cabeça grande fazendo algazarras (Mandús). Enfim, naquela tão esperada tarde de domingo a decisão tinha sido tomada. Corria dos caretas quando fui surpreendido por um caçador. Era um homem alto e muito forte vestido com um jaleco, chapéu de couro e uma saia feita de palhas secas de bananeira. Ele tinha o rosto pintado com uma mistura de carvão e óleo e da sua boca saía um líquido de tom avermelhado que parecia o sangue escorrendo. Aproximou-se de mim com uma espingarda em punho e eu, em estado de choque, não consegui mover do local. Aquela figura que, ora causava medo, ora despertava curiosidade, iniciou a sua performance: com língua vermelha fora da boca, os olhos revirados apresentando um estado de aparente transe e apontando a arma na minha direção, iniciou um giro de 360 graus em torno do próprio eixo, sem deixar escapar o olhar do seu único

espectador. Em seguida, saiu dançando e proferindo frases de difícil compreensão.

As minhas palavras diante daquela experiência marcante ecoam os sentimentos, não só de uma criança em vê o Nego Fugido pela primeira vez, mas também, da própria comunidade de Acupe que há muito tempo acompanha as apresentações mas, mesmo diante da sua própria realidade a estranha.

Há mais de um século, sempre no período do mês de julho, as ruas do distrito transformam-se num grande cenário a céu aberto, para a manifestação, que se apresenta ao lado das mais variadas manifestações de cultura popular citadas acima.

O Nego Fugido é um manifesto feito pelos moradores de Acupe¹, na sua maioria pescadores e marisqueiras, que tece enredo em torno das lutas contra a escravidão, sobretudo, como se deu o processo da aquisição da liberdade no recôncavo baiano. Um discurso crítico tratado de forma jocosa, embora inconsciente, por meio ações e movimentações corporais, gestos e declamações que contrariam o conteúdo narrativo conduzido pela música, provocando uma espécie de paródia. Ou seja, enquanto as cenas relatam que a aquisição da liberdade dos negros foi um ato que se iniciou a partir de uma revolta coletiva, dando início a uma grande batalha que mais tarde culminaria na liberdade dos escravos, a música, ora reafirma essa versão, ora a contraria, dizendo que os negros foram coniventes e a aquisição foi uma concessão da princesa Isabel e do governo de Portugal. Veja o exemplo da música: *Iá iá² me soltou, bé (bis)*

O ouvir falar sobre a relação senhor de escravos e escravizados gerou uma memória coletiva alimentada nas rodas de prosa dos pescadores no cais do porto do distrito, principalmente, no momento da chegada de alto-mar.

As misteriosas histórias do perverso senhor de escravo Francisco Gonçalves, dono do engenho que deu nome ao atual distrito, foram as que mais contribuíram para a rica memória detida pelos moradores. Contam os mais velhos que o dito Gonçalves amarrava as mãos e os pés dos escravos rebeldes e os atiravam num alçapão cheio de lanças que ficava no fundo do engenho às margens da baía. Dias depois, os corpos eram vistos boiando no mar, servindo de alimento para os siris. Muitos escravos também foram mortos ao serem amarrados e chicoteados sob o centenário “Inguzeiro do Acupe Velho”, árvore espinhosa que ficava na entrada do engenho. Alguns

¹ Acupe é uma comunidade quilombola encravada no fundo da Baía de Todos os Santos originada a partir da abolição da escravatura, com uma população de mais ou menos 13 mil habitantes, na sua maioria pescadores e marisqueiras. Um território de cruzamentos de sistemas simbólicos africanos, europeus e indígenas. Polo agregador de ritos e costumes, berçário das mais variadas manifestações culturais e artísticas, sem, contudo, perder sua marcante identidade afro-brasileira, características que foram fundamentais para a formação da identidade cultural da região. Um local ocupado por pessoas que compartilham a memória sobre o período da escravidão e que, através do Nego Fugido, externam suas próprias impressões sobre a instituição escravista e a forma pela qual o escravo teria viabilizado sua liberdade.

² Na narrativa do Nego Fugido a expressão *iá iá* refere-se à Princesa Isabel.

pescadores e marisqueiras falam que sempre que passam pela frente do antigo engenho, costumam ouvir gemidos de escravos na árvore misteriosa.

Falando ainda sobre o Gonçalves, até a metade do século passado, os moradores da vila ficavam muitas horas da madrugada nas janelas das suas casas fazendo vigília esperando vê a alma penada do perverso senhor, em montaria, desfilando pelas ruas da comunidade fiscalizando as atividades dos seus escravos.

A fama de preguiçoso do Gonçalves também “deu muito pano pra manga” nas rodas de prosa dos pescadores que falam do assunto com muita ironia. Eles contam que após a abolição, seus escravos foram morar na atual rua da Liberdade então chamada rua do “*Vai quem quer*”³. Sua família o abandonou migrando para Salvador e ele, embora tivesse muitas terras, não sabia trabalhá-las. Falido, o malvado senhor, passou a visitar seus antigos escravos para pedir comida, sendo alimentado até os últimos dias de sua vida pelos moradores da nova vila.

Nesse estudo inicial lanço a hipótese de que as lembranças traumáticas da luta, revolta e resistência da população do recôncavo baiano, são os elementos norteadores da manifestação do Nego Fugido que, a partir duma reconstrução do passado, revela o “quadro das tensões” (problemas sociais, culturais e políticos) atuais da comunidade de Acupe - Santo Amaro (Ba). (TAUSSIG, 2010, p. 145).

Evilásio Cruz, um brincante de 56 anos, nos prestou um depoimento intrigante sobre o Nego Fugido. Falou das impressões e emoções que teve quando viu o grupo pela primeira vez ainda criança, afirmou a paixão que sente pela brincadeira e lembrou de um antigo brincante chamado Nego Varte: “Nego Varte era realmente um grande ator. O personagem tomava conta dele. Era muito original... parecia que ele foi caçador de negro realmente. Era como se um espírito de caçador tomasse conta dele”, disse ele.

As lembranças que descrevo neste texto, as lembranças de Evilásio Cruz sobre as aparições do Nego Fugido nas ruas de Acupe durante sua infância, sobretudo, a performance de Nego Varte, atreladas a todo o universo simbólico sobre a escravidão, são memórias que estão incorporadas na forma como nós, brincantes da manifestação, vemos, pensamos e fazemos o Nego Fugido.

Instigado pelas observações de Evilásio, e imerso na ignorância a respeito dos estudos sobre o teatro e a antropologia, conhecimentos que no momento julgo importantes para refletir sobre o Nego Fugido, no último domingo do mês de julho de 2012, convidei Marianna Monteiro, professora da UNESP e John C. Dawsey, Antropólogo e professor da USP, para presenciar prisão do rei, momento ápice da manifestação cujos brincantes encenam uma

³ Primeira rua de Acupe, que recebeu este nome porque depois da abolição da escravatura os negros poderiam decidir se ficavam no engenho ou iam morar naquela comunidade que estava se formando na beira do manguezal, daí o nome da rua.

batalha que envolve todos os personagens que por “ordem de pena de morte” o monarca é obrigado a assinar a carta de alforria dos escravos. Durante a apresentação tive que representar dois personagens: O malfeitor Capitão do Mato que comandava a tropa de caçadores nas emboscadas contra os negros fujões e o pesquisador amador atento às observações dos pesquisadores mais experientes. Após a apresentação, fui conversar com os pesquisadores para ouvi suas primeiras impressões, ainda no calor das emoções, diante daquela experiência que julgava marcante. Percebi que a camisa de John Dawsey estava manchada de sangue, simulacro utilizado pelos personagens durante a batalha. Eles pareciam surpresos com que tinham presenciado. Marianna eufórica comentou: “é uma história viva que se conta, não é só o passado”. O discurso da escravidão e o reviver o passado é um espelho que revela a face do presente, daí a energia e originalidade imposta na cena, algo forte e poderoso porque embora remeta a uma imagem do passado é extremamente atual”, disse ela. John lembrou de Antonin Artaud: “Artaud diz que é preciso levantar a poeira” e concluiu “é uma performance que articula história, experiência e imagem do passado, mas é uma história que fala do presente”. Sorrindo, disse que iria guardar a camisa branca sem retirar as manchas para não esquecer daquele momento, uma experiência marcante literalmente.

Ouvia atentamente os pesquisadores lançarem comentários a respeito de lembranças do passado que se articulam ao presente enquanto ainda ressoavam os gritos dos personagens exigindo a carta de alforria, pensei – mais de cem anos se passaram após a abolição da escravatura e a comunidade de Acupe ainda clama pela carta de alforria. Lembrei das palavras de Merleau-Ponty citadas por Claude Lévis–Strauss “O futuro se fez presente”, quando este se referia a história da Revolução Francesa. Lévis-Strauss, na sua pesquisa sobre a estrutura dos mitos, nos dá pistas sobre como pensar a relação temporal no Nego Fugido e também nos faz refletir sobre as relações conturbada entre fazendeiros e escravos ocorrido no passado acupense, presente na oralidade da comunidade e que aparece de forma “contraditória” na narrativa apresentada pelo Nego Fugido.

“Um mito sempre se refere a eventos passado...Mas o valor intrínseco a ele atribuído provém do fato de os eventos que se supõe ocorrer num momento do tempo também fornecerem uma estrutura permanente, que se refere simultaneamente ao passado, presente e ao futuro”. (LÉVIS-STRAUSS,2008, p.224).

O histórico de luta e mobilização social e política em Acupe é antigo. Foi assim nas inúmeras rebeliões de escravos dos engenhos de cana açúcar na primeira metade do século XIX, legado deixado pelos ancestrais Nagô, Jeje e Hauças da região. Recentemente, os moradores têm se mobilizado contra os desmatamentos dos manguezais e invasões das ilhas por estrangeiros que visam a construção de resort no local. Desde a década de 1980, os acupenses têm travado uma batalha política com a cidade de Santo Amaro em favor da emancipação do distrito por acreditarem que a comunidade tem sofrido com o descaso da falta de políticas públicas social, educacional e de saúde por parte do município.

Pensando ainda na experiência traumática da escravidão, o enredo encenado pelo Nego Fugido parece surgir como um passado, real ou mítico,

evocado pelos moradores de Acupe em correlação com o momento social e político atual vivido pela comunidade que manifesta-se inconscientemente num momento extra-cotidiano, o “brincar o Nego Fugido”. Victor Turner desenvolveu um conceito a respeito da experiência vinculada à ideia de performance, tal qual aparece em *Dewey, Dilthey and Drama: An Essay in the Anthropology of Experience* (TURNER, 1986). Nesse ensaio, Turner fala da importância para a constituição de uma experiência significativa, das imagens do passado evocadas no interior de uma ação performática, que julgo ser o caso do Nego Fugido.

A meu vê, o legado do passado são experiências significativas acionadas por pessoas que não vivenciaram essas emoções. Imagens associadas as revoltas e traumas relacionada a escravidão, que articulam-se às questões políticas e de violências sociais, de várias ordens, vividas pela comunidade acupense. Tomando as palavras de Walter Benjamim: “ articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como ele de fato foi. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento do perigo” (BENJAMIM, 1994, p.224).

Relembrando Lévis-Straus, citado acima, quando este diz que “ os mitos fornece uma estrutura permanente, que se refere simultaneamente ao passado, presente e ao futuro”. Nesse sentido, o grito de liberdade do personagem do Nego Fugido é uma espécie de *saudosismo do futuro*, uma “memória-desejo” ou “memória-tentação” como propôs Grotowski. Nas palavras de Tatiana Motta Lima “não a memória do que foi, mas a memória do que poderia ter sido, gostaria de ter sido. Uma memória que abre as portas, portanto, para dimensões virtuais de nossa subjetividade”(MOTTA LIMA, 2010:12), algo que não se concluiu de fato e, conseqüentemente, provoca tensões e estimula o conflito e mobilizações sociais na comunidade de Acupe.

Referências Bibliográficas:

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense,1994.

LEVI-STRAUS Claude.. “ **Raça e História**” In: **Antropologia Estrutural dois**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989 (b)

MOTTA LIMA, Tatiana. **Experimentar a Memória, , ou Experimentar-se na Memória**. texto avulso cedido pela autora como apoio à atividade didática em 2010

RAMOS, Ana Maria. **Representação da Liberdade Escrava no Recôncavo Baiano**. Mestrado em História, PUC\São Paulo, 1996.

TAUSSIG, Michael T. **O diabo e o fetichismo da mercadoria na América do Sul**. São Paulo: Ed. UNESP, 2010

TURNER, Victor “ Dewey, Dilthey , and Drama: An Essay in the Anthropology of Experience”. In TURNER, Victor e BRUNER, Edward M. (org) **The Anthropology of Experience**. Urbana e Chicago: University of Illinois Press, 1986